



A DISPUTA ENTRE EXTERNALISMO E INTERNALISMO SEMÂNTICO: DISCUTINDO O PROBLEMA DO SIGNIFICADO A PARTIR DE PUTNAM E SEARLE

THIAGO DELAÍDE DA SILVA¹

RESUMO: O artigo pretende discutir o problema do significado na perspectiva da filosofia analítica a partir das abordagens de Hilary Putnam e John Searle, na tentativa de contrapor as teses do externalismo e internalismo semântico. O externalismo semântico, defendido por Putnam, estabelece uma crítica ao modelo tradicional do significado que seria, segundo sua argumentação, internalista. Putnam defende a tese de que os significados não estão na cabeça dos falantes, e dependem muito mais do mundo externo, da realidade natural e social. Isso significa que a referência é determinante para o significado dos termos. Em contrapartida, Searle reage ao defender o internalismo dos ataques de Putnam e estabelece uma argumentação que sustenta que o significado está diretamente relacionado à intencionalidade dos atos de fala. Como resultado, para Searle, os significados estão justamente na cabeça dos falantes. Tendo presente essa disputa filosófica, o artigo objetiva fazer uma exposição dos principais pontos do externalismo de Putnam e do internalismo de Searle, confrontando seus argumentos e levantando alguns problemas de ambos os lados. Por fim, o artigo defende que internalismo e externalismo não deveriam ser vistos como posições completamente antagônicas e mutuamente excludentes, mas que combinadas podem apresentar uma melhor compreensão para a teoria semântica.

PALAVRAS-CHAVE: Significado. Teoria semântica. Internalismo-externalismo. Hilary Putnam. John Searle.

ABSTRACT: In this article, I aim to discuss the issue of meaning from the perspective of analytic philosophy, based on the approaches of Hilary Putnam and John Searle, in an attempt to contrast the theses of semantic externalism and internalism. Semantic externalism, advocated by Putnam, criticizes the traditional model of meaning, which, according to his argumentation, is internalist. Putnam argues that meanings are not in the minds of speakers, but rather depend much more on the external world, on natural and social reality. This means that reference is crucial for the meaning of terms. In contrast, Searle reacts by defending internalism against Putnam's attacks and argues that meaning is directly related to the intentionality of speech acts. As a result, for Searle, meanings are precisely in the minds of speakers. Given this philosophical dispute, the article aims to present the main points of Putnam's externalism and Searle's internalism, comparing their arguments and raising some problems on both sides. Finally, the article argues that internalism and externalism should not be seen as completely antagonistic and mutually exclusive positions, but that when combined they can provide a better understanding of semantic theory.

KEYWORDS: Meaning. Semantic theory. Internalism-externalism. Hilary Putnam. John Searle

¹ Doutorando em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). E-mail: thiago.del@gmail.com.

O presente artigo pretende discutir o externalismo e o internalismo semântico a partir dos argumentos de Hilary Putnam e John Searle. É conhecida a afirmação de Putnam (1975) de que *os significados não estão na cabeça*. Ele faz tal afirmação durante sua argumentação na tentativa de refutar o internalismo e as teorias semânticas tradicionais, que remontam a Frege e Carnap. Sua alternativa é uma proposta externalista. Searle (1983) reage criticando os argumentos de Putnam e sustentando que eles não embasam sua conclusão, levando-o a concluir que os significados estão justamente na cabeça dos falantes. Searle (1983) defende, então, um tipo de internalismo baseado em sua teoria da intencionalidade. Meu objetivo aqui é apresentar as posições de Putnam e Searle, explorando seus argumentos para depois fazer um confronto mais direto entre as ideias de ambos os autores, indagando o quanto suas teses se sustentam e de que forma elas nos ajudam a compreender o problema do significado ou se, por outro lado, obscurecem ainda mais o entendimento geral do que dá sentido às expressões linguísticas.

O artigo será dividido em três partes. Na seção seguinte tratarei da concepção de significado de Putnam em seu clássico artigo *The Meaning of “Meaning”* (1975)², a partir de dois de seus principais argumentos, a saber, o *Argumento da Terra Gêmea* e o *Argumento da Divisão do Trabalho Linguístico*. Na seção posterior tratarei de apresentar as objeções de Searle a Putnam e sua concepção de significado tal como ele apresenta em sua obra *Intentionality* (1983)³. Na seção final avaliarei as posições e argumentos de Putnam e Searle, discutindo alguns problemas, vantagens e desvantagens tanto do externalismo quanto do internalismo, tal como proposto pelos referidos autores.

Externalismo semântico: Hilary Putnam

Em seu clássico artigo *The Meaning of “Meaning”* ([1975] 2013), Putnam começa identificando um problema com a teoria semântica tradicional, isto é, com as teorias descritivistas. Segundo sua visão, a teoria semântica tradicional está mal orientada por pressupor um conceito *pré-científico* de significado. Nas suas palavras:

Em minha opinião, a razão pela qual a assim chamada semântica está em uma condição tão mais precária que a teoria sintática é que o conceito *pré-científico* em que a semântica se baseia – o conceito *pré-científico* de *significado* – está ele mesmo

² O artigo *The Meaning of “Meaning”*, foi originalmente publicado primeiro em *Language, Mind and Knowledge, Minnesota Studies*, em 1975. No mesmo ano, Putnam publicou o artigo em sua coletânea *Mind, Language, and Reality: Philosophical Papers, Volume 2* (1975). Neste trabalho, utilizarei para citações diretas e indiretas a tradução *O significado de “significado”*, de Alexandre Müller Fonseca, de 2013. Daqui em diante citarei o ano de “PUTNAM, 2013” e paginação referente à tradução, quando for o caso.

³ A obra *Intentionality: An Essay in the Philosophy of Mind*, foi originalmente publicada em 1983. Aqui utilizarei a tradução brasileira de 2002. Daqui para frente utilizarei “SEARLE, 2002” para as citações diretas e indiretas, indicando as páginas da tradução quando for necessário.

em uma forma bem pior que o conceito pré-científico de sintaxe. (PUTNAM, 2013, p.281)

Putnam diz que a teoria semântica iniciada por Frege tentou romper com o psicologismo que interpretava os conceitos como entidades mentais, procurando identificá-los como “entidades abstratas”, mas que são públicas e não privadas, isto é, tendo sua realidade presa ou condicionada ao mundo mental dos sujeitos. Desse modo, para o modelo semântico tradicional “os significados são propriedades públicas” (PUTNAM, 2013, p. 282). No entanto, ele diz que apesar dessa tentativa de afastamento do psicologismo, a “apreensão” desses significados permanecia ainda um “ato psicológico individual” (PUTNAM, 2013, p. 282). Por isso, Putnam acusa o modelo semântico tradicional de ser internalista.

Mas qual o problema com o internalismo, afinal de contas? Para Putnam se trata de duas teses que estão associadas e que conduzem a conclusões equivocadas sobre a natureza do significado. O internalismo subjacente ao modelo tradicional do significado traz consigo implicitamente a ideia de que a *intensão* (entendida como um estado psicológico) determina a *extensão* de um termo⁴. Mas, como pretende argumentar Putnam, isso é um equívoco. Putnam observa que o modelo da semântica tradicional compreendeu que seria possível que dois termos tenham a mesma extensão (referência), apesar de intensões diferentes. O clássico exemplo são as expressões “criatura com um coração” e “criatura com rins”, que evidentemente apontam para significados distintos, conforme o modelo semântico clássico. Evidentemente podem se tratar da mesma referência – isto é, do mesmo corpo –, que contém tanto um coração quanto rins, no entanto os significados das expressões são distintos porque guardam intensões diferentes. Portanto, apesar de ser possível haver duas intensões para uma mesma extensão, não seria possível o inverso, isto é, “dois termos não podem diferir em extensão e ter a mesma intensão” (PUTNAM, 2013, p. 283). Mas é justamente esse o ponto que Putnam pretende atacar. É possível imaginar situações em que a extensão é distinta, porém a intensão é idêntica. Mas se o significado difere, então a intensão não pode determinar o significado, como parece supor a teoria semântica tradicional. Isso é o que Putnam pretende provar através de dois de seus principais argumentos, a saber, o famoso Argumento da Terra Gêmea e o Argumento da Divisão do Trabalho Linguístico.

⁴ Em teoria semântica, costuma-se dizer que as expressões linguísticas possuem dois tipos de valor semântico. O primeiro deles está ligado ao objeto, à referência, portanto, que equivale ao que se convencionou chamar de *extensão*. Por outro lado, uma expressão linguística exprime um conceito (ou representação conceitual), isto é, a *intensão*. Em certo sentido, a intensão é tida como sendo o significado, mas Putnam justamente critica isso. Para saber mais, ver os verbetes “intensão e extensão” em ABBAGNANO, 2007, p.577-578; e “extensão/intensão” em BRANQUINHO; GOMES; MURCHO, 2006, p.305-309.

Antes de discutirmos esses argumentos, no entanto, é importante salientar o modo como Putnam interpreta as teses centrais da teoria semântica tradicional. Putnam diz que há duas teses básicas (as quais ele pretende atacar com seus exemplos), a saber:

Tese I – Saber o significado de um termo é apenas uma questão de estar em certo estado psicológico (no sentido de “estado psicológico” em que estados de memória e disposições psicológicas são “estados psicológicos [...]”) **Tese II** – O significado de um termo (no sentido de “intensão”) determina sua extensão (no sentido de que a mesma intensão implica a mesma extensão). (PUTNAM, 2013, p. 284)

Como podemos observar, as duas teses estão conectadas. A tese I diz que se dois sujeitos falantes tiverem o mesmo estado psicológico, isto é, a mesma intensão, para um dado termo, ambos estarão em posse de um mesmo significado. Por isso uma “mesma intensão implica uma mesma extensão”. Entretanto, como já foi dito, Putnam procura argumentar que é possível que haja dois sujeitos que possuam a mesma intensão relativa a um termo, mas cuja extensão é diversa, acarretando, portanto, um significado também diverso. O primeiro argumento de Putnam deriva do experimento mental da *Terra Gêmea (Twin Earth)*⁵. O experimento é apresentado da seguinte forma: Imaginemos que descobrimos a existência de outro planeta idêntico à Terra em tudo, molécula por molécula – inclusive com habitantes exatamente iguais a nós -, com exceção apenas de que o líquido que eles chamam de água (*water*) tem uma composição química diferente da nossa água. Enquanto na Terra a água é composta quimicamente por H₂O, na Terra Gêmea a sua fórmula química é XYZ. Apesar de quimicamente serem diferentes, o líquido chamado de água pelos nossos gêmeos-terráqueos tem as mesmas características que a água terrena, isto é, é insípido, inodoro, incolor, serve para beber, utiliza-se para fazer comida, compõe rios e mares, tem propriedades físicas idênticas (como a passagem do estado líquido para o gasoso ou sólido e assim por diante), etc. A palavra “água”, portanto, é utilizada pelos habitantes da Terra Gêmea da mesma forma como nós utilizamos e cumpre a mesma função linguística. Contudo, não podemos dizer que se trata da mesma substância, quimicamente falando.

Putnam nos convida a imaginar dois indivíduos, Oscar-1 (Terra) e Oscar-2 (Terra Gêmea). Ambos os indivíduos, ao beberem a água do seu planeta, sentem-se exatamente iguais psicologicamente. Eles manifestam o mesmo estado psicológico ao beber a água: sentem-se saciados da sede, o líquido molha a boca de ambos etc. Eles também usam a palavra água exatamente da mesma forma. Porém, enfatiza Putnam, eles não falam da mesma coisa, ou seja, não se trata da mesma referência. Esse exemplo já seria suficiente para concluir que mesmo tendo os mesmos estados psicológicos Oscar1 e Oscar2 não se referem ao mesmo objeto, e,

⁵ Esse argumento, na verdade, já tinha sido apresentado no artigo *Meaning and Reference* (1973), mas em *Meaning of “Meaning”* é retomado e desenvolvido por Putnam com versões diferentes ao longo do artigo.

portanto, o termo “água” não pode ter o mesmo significado na Terra e na Terra Gêmea. A extensão, portanto, não pode ser determinada pela intensão.

Se Putnam tem razão, então as teses I e II estão equivocadas. O argumento de Putnam é uma redução ao absurdo. Resumidamente, (i) se assumirmos que dois termos A e B tenham o mesmo significado, então eles precisam ter a mesma referência (conforme a Tese II). Isso significa que (ii) A e B têm o mesmo significado porque os dois falantes (Oscar1 e Oscar2) possuem o mesmo estado psicológico, isto é, a mesma intensão relativamente a A e B. Portanto, deveríamos concluir que A e B têm a mesma referência (conforme a Tese 1). Mas, pelo exemplo apresentado por Putnam, se consideramos A e B como termos para “água” na Terra e na Terra Gêmea, temos extensões diferentes, embora os mesmos estados psicológicos. Logo, a conclusão que deveríamos chegar é que a Tese 1 é falsa (ou pelo menos em parte falsa).

Em outras palavras, Putnam pretende provar que a teoria descritiva está errada e, portanto, os significados dos termos não podem ser determinados (pelo menos não exclusivamente) pelos estados psicológicos dos falantes. Ou seja, “os ‘significados’ simplesmente não estão na cabeça!”, enfatiza Putnam (2013, p. 290). Portanto, a conclusão que se chega é que o internalismo deve ser rejeitado.

Mas mesmo que não queiramos aceitar o argumento derivado do experimento da Terra Gêmea, podemos utilizar um exemplo menos fictício. Consideremos, diz Putnam, dois tipos de árvores, a faia e o olmo. Para aqueles que são leigos em botânica ou não tenham algum conhecimento mais específico em biologia, não seria fácil diferenciar um olmo de uma faia. Isso significa que para a maioria de nós o conceito que temos de um olmo não difere significativamente em relação ao conceito que temos de faia. Mas certamente o significado de olmo e faia é diferente pois a referência é diferente. Se tratam de dois tipos de árvores diferentes. Isso nos conduz ao segundo argumento de Putnam, a saber, o Argumento da Divisão do Trabalho Linguístico.

Putnam convida-nos a admitir o que ele chama de uma *hipótese sociolinguística* do significado (PUTNAM, 2013, p. 290). Essa hipótese parte de uma constatação sociológica acerca da divisão do trabalho humano na sociedade. É um fato que há divisão do trabalho no mundo e dependemos dessa divisão para que a sociedade funcione. Mas é decorrente dessa divisão, diz Putnam, que há também uma divisão do trabalho linguístico. Isto significa que na medida em que a sociedade se torna mais complexa e necessitamos dividir nossos esforços, criando novas atividades, também multiplicamos e tornamos nossa linguagem mais complexa,

ao mesmo tempo que criamos nichos linguísticos especializados. Consideremos as palavras do próprio Putnam (2013, p.291):

Toda comunidade linguística exemplifica o tipo de divisão do trabalho linguístico recém descrito: isto é, possui ao menos alguns termos cujos “critérios” associados são conhecidos apenas por um subconjunto dos falantes que adquirem aqueles termos, e seu uso pelos demais falantes depende de uma cooperação estruturada entres eles e os falantes dos subconjuntos relevantes.

Certos termos passam a existir a partir dessa divisão da sociedade, mas também aqui há um papel preponderante da ciência. Na medida que em que a ciência desenvolve métodos para compreender a natureza, por exemplo, passamos a entender melhor aquelas características fundamentais que pertencem aos objetos, ou mais precisamente aos *tipos naturais*, como a água. No passado não sabíamos a fórmula química da água, mas hoje sabemos. Se em 1750 (ou antes) descobríssemos a Terra Gêmea e encontrássemos o líquido chamado por lá de água – composto por XYZ –, não teríamos condições técnicas de diferenciar de nossa água. Mas hoje somos capazes de compreender essa fórmula química e saberíamos que não se tratam da mesma substância. Da mesma forma, no caso da faia e do olmo, também sabemos que há diferenças que provavelmente só os cientistas saberão explicitar. É por isso que Putnam (2013) diz que a hipótese sociolinguística ressalta o papel dos especialistas para uma teoria semântica apropriada. Sem os especialistas não teríamos como saber nem a diferença entre o olmo e a faia e nem saberíamos que a água é composta de H₂O. Os especialistas são fundamentais para uma teoria do significado e para superarmos o conceito pré-científico de significado a que Putnam se referia.

Outro exemplo utilizado por Putnam (2013) é o do ouro. Para distinguirmos uma pedra ou joia de ouro de uma imitação existem métodos e técnicas, mas a maioria das pessoas teria dificuldade em identificar o ouro legítimo. Imaginemos uma sociedade e toda sua economia cuja vida gire em torno de uma mina de ouro. Suponha-se que existem pessoas que trabalham como mineradores de ouro, outros vendem esse ouro, outros fabricam objetos de ouro, outros compram e assim por diante. Nesse contexto, todas as pessoas sabem usar a palavra “ouro” e sabem a que se referem. Mas mesmo assim, parte dessa comunidade faz parte daquele grupo mais amplo que usa a palavra “ouro” de modo ordinário, mas que não é especialista em determinar as propriedades fundamentais do ouro. Cabe aos especialistas em ouro determinar quando um objeto é ouro legítimo e quando é falso. Portanto, essa comunidade precisa desses especialistas.⁶

⁶ Esse argumento reforça também o primeiro exemplo fictício da Terra Gêmea e a tese de que se a fórmula química da água é H₂O isso faz parte do significado da água, sendo irreduzível.

A hipótese sociolinguística reforça mais uma vez a ideia de que há algo na referência que carrega pelo menos uma parte fundamental do sentido que damos às palavras e seu uso em uma comunidade linguística é determinante para o significado de um termo. Por isso Putnam afirma que o significado de um termo não é fixado individualmente, mas coletivamente. Há, portanto, uma cooperação entre leigos e especialistas para a fixação do significado dos termos.

Isso nos leva à ideia de que para certos termos, como é o caso dos tipos naturais, existe o que podemos chamar de “componente indexical escondido”, ou seja, algo que está presente de maneira nem sempre tão clara, mas que é determinante para estabelecermos o significado. No caso da água o componente indexical é o H₂O. Assim H₂O é um *designador rígido*⁷ que não muda. Isso significa que se água é H₂O, então água tem de ser H₂O em todo e qualquer mundo possível. É por isso que a “‘água” da Terra Gêmea, que é composta por XYZ, não pode ser água. Trata-se de outra substância.

Nas palavras do próprio Putnam (2013, p. 295):

Nossa teoria pode ser resumida dizendo-se que palavras como “água” têm um componente indexical despercebido: “água” é aquilo que guarda certa relação de semelhança com a água ao redor daqui. Água em outra época ou em outro lugar, ou mesmo em outro mundo possível, tem de estar na relação mesmo com a nossa “água” a fim de ser água. Desse modo, a teoria de que (1) palavras têm “intensões”, que são algo como conceitos associados às palavras pelos falantes; e que (2) a intensão determina a extensão – não podem ser verdadeiras de palavras para espécies naturais como “água”, pela mesma razão que a teoria não pode ser verdadeira de palavras obviamente indexicais como “eu”.

A indexalidade sugerida por Putnam em relação a “água” demonstra o quanto esse termo está conectado à sua extensão. Não há, pois, como estabelecermos seu significado independente da extensão, já que é ela que confere o componente indexical objetivo (ainda que possa muitas vezes estar escondido e depender da ciência para ser descoberto, como é o caso do componente H₂O) e é por isso que usamos esse termo “rígidamente”.

Em linhas gerais essa é, grosso modo, a argumentação de Putnam que sustenta o seu externalismo semântico. Vejamos a seguir o internalismo de Searle e suas objeções aos argumentos de Putnam.

⁷ O termo “designador rígido” foi cunhado por Saul Kripke. Para Kripke “um designador rígido designa o mesmo objeto em todos os mundos possíveis, uma afirmação de identidade na qual ambos os designadores são rígidos deve ser necessariamente verdadeira, se for verdadeira, mesmo que a afirmação não seja a priori.” (LAPORTE, 2022, 1.1). Putnam usa o termo aparentemente no mesmo sentido de Kripke, a fim de sustentar que a composição química da água, H₂O, apresenta um aspecto como designador rígido do significado de água, válido em todos os mundos possíveis. Se algo parece água, mas não tem esses componentes, então não é realmente água.

Internalismo semântico: John Searle

Em sua obra *Intencionalidade* (2002), Searle discute os argumentos de Putnam e apresenta algumas objeções. Searle (2002, p. 279) começa dizendo que Putnam considera duas posições, a saber: “(1) Conhecer o significado de uma palavra ou expressão consiste em estar em um determinado estado psicológico. (2) O significado (intensão) determina a extensão.” Segundo Searle, Putnam considera que essas duas posições conduzem à seguinte conclusão: “(3) Os estados psicológicos determinam a extensão” (SEARLE, 2002, p. 180). Ora, diante dessas três teses, “Putnam tenta demonstrar que não podemos sustentar tanto (1) como (2) ao mesmo tempo e que (3) é falso. Propõe rejeitar (1) e (3) e aceitar uma versão revisada de (2)” (SEARLE, 2002, p. 180). Segundo Searle (2002, p. 280) basicamente:

A estratégia de Putnam é tentar conceber casos intuitivamente plausíveis em que o mesmo estado psicológico determina extensões diferentes. Se estados psicológicos tipo-idênticos podem determinar extensões diferentes, a determinação da extensão deve transcender os estados psicológicos e, portanto, a visão tradicional é falsa.

Searle considera que os dois principais argumentos que Putnam apresenta para sustentar sua visão – o argumento da Terra Gêmea e o argumento da Divisão do Trabalho Linguístico – “são totalmente independentes” (SERLE, 2002, p. 280) e que podem ser considerados separadamente, mas que apenas o argumento da Terra Gêmea deve ser levado a sério, já que o outro não oferece de fato um perigo à teoria semântica tradicional.

Como objeção ao argumento da Terra Gêmea, Searle diz que se seguirmos as intuições de Putnam presentes em seu experimento mental não chegaremos à conclusão de que os significados não estão na cabeça. O que Putnam fez “foi substituir um conteúdo Intencional por outro” (SEARLE, 2002, p. 285).⁸ Isso ocorre porque a tese de Putnam é que há um componente indexical rígido que certos termos como a água têm que não pode ser alterado (água é “o que quer que guarde com tal substância uma relação de ‘mesmo L’”), mas esse conteúdo indexical

⁸ É importante não confundir “intensão” (com “s”, do inglês *intension*), que é o oposto de “extensão” (do inglês, *extension*), com o termo “intenção” (com ‘ç’, que vem do inglês *intention*) que Searle usa em sua obra (e que aparece com frequência com letra maiúscula). Searle (2002) usa o “*intentional*” (intencional) fazendo referência à sua teoria da Intencionalidade (*Intentionality*) da mente e dos estados mentais. Na visão de Searle (2002), a significação tem relação direta com os estados intencionais da mente, o conceito de “intenção” é necessário para compreensão dos significados dos termos. No entanto, “intenção” no sentido usado por Searle não é necessariamente equivalente ao termo “intensão”, conforme é normalmente empregado na teoria semântica. O conceito de intensão tem a ver com a relação causal entre o objeto referido e estado psicológico do falante, mas a intenção, no sentido de intencionalidade de Searle, está relacionada com uma disposição da mente que dá forma e sentido à linguagem como um todo. Para Searle, os significados estão intimamente conectados a essas disposições intencionais da mente e se encaixam nas estruturas dos atos de fala. Por outro lado, os estados psicológicos intensionais (com “s”), parecem estar mais associados o conteúdo referencial (por isso a relação intensão-extensão). Em suma, um estado intensional parece ser mais um efeito que um dado objeto produz no sujeito, enquanto que o estado intencional se coloca de antemão afim de projetar o significado. Contudo, essa diferenciação é apenas uma interpretação e pode ser controversa. A relação entre esses termos é parte do debate e das divergências entre internalismo e externalismo semântico. Sobre *extensão-intensão*, ver também a nota 3.

é um significado que está na cabeça. Ou seja: “Substituiu o tradicional conteúdo Intencional formado por um conglomerado-de-conceitos por um conteúdo Intencional indexical” (SEARLE, 2002, p. 285).

Para Searle, a suposta alternativa de Putnam ainda permanece bem tradicional no modo de abordar a questão do significado e não consegue extrair a conclusão que pretende. O externalismo de Putnam, portanto, não se sustenta e não consegue provar que os significados estão fora da cabeça.

Consideremos então a abordagem do próprio Searle, relativamente ao problema do significado. Searle parte de sua concepção de filosofia da linguagem como sendo parte da filosofia da mente. Nesse sentido, a linguagem está subordinada à estrutura da mente. E parte fundamental da estrutura da mente é a intencionalidade. Por isso é impossível compreender o significado fora de uma teoria da intencionalidade. Para Searle (2002, p. 224)

[...] o significado do falante deve ser inteiramente definível em termos de formas mais primitivas de Intencionalidade. E a definição é não-trivial nesse sentido: definimos o significado do falante em termos de formas de Intencionalidade não intrinsecamente linguísticas. Se pudermos definir o significado em termos de intenções, teremos definido uma noção linguística em termos de uma noção não-linguística, embora muitas das intenções humanas, talvez a maioria, sejam de fato linguisticamente realizadas.

Como podemos notar, Searle condiciona o significado à intencionalidade em suas “formas mais primitivas”. Isso está em sintonia com sua concepção da mente enraizada na biologia do cérebro. O cérebro produz a mente e os estados mentais são todos intencionais. E todas as formas de intencionalidade primitivamente são anteriores ao desenvolvimento da linguagem. A linguagem encaixa-se na estrutura intencional da mente.

Para Searle há uma relação intrínseca entre as noções de significado e a teoria dos atos de fala. E isso nos conduz à tese de que “o significado é um tipo de Intencionalidade” (SEARLE, 2002, p. 225). A grande questão para investigarmos é entender “como passamos, por assim dizer, da física para a semântica”? (SEARLE, 2002, p. 225), ou seja, como é possível que certos ruídos ou certos traços gráficos, que existem fisicamente, possam ser interpretados pela mente em termos de intencionalidade. Em outras palavras: “o que a intenção acrescenta ao evento físico para que este se caracterize na instância de um falante que significa alguma coisa por seu intermédio?” (SEARLE, 2002, p. 225)

O que podemos notar com a própria pergunta de Searle é que não há significados no mundo independentes dos falantes, pois são eles que adicionam o significado às expressões físicas da linguagem. Portanto, não é possível entender o significado independentemente das intenções da mente. Isso parece ainda mais claro quando perguntamos para alguém “o que você quis dizer com a expressão?”, dando entender que queremos entender qual o significado

atribuído por aquela pessoa a um termo, palavra ou frase. Ou seja, há, parece, um significado intuitivo de “significado” que carrega essa noção de que há uma intenção/intensão ao fazer uso de uma expressão linguística. Caso não fosse assim, a linguagem sequer seria possível.

É importante salientar que Searle parte de uma abordagem naturalista da Intencionalidade, o que significa aceitar “estados, processos e eventos intencionais como parte da história da vida biológica” (SEARLE, 2002, p, 223). Essa abordagem deriva do seu naturalismo biológico em filosofia da mente⁹. Mas, da mesma forma que há uma estrutura biológica que dá base à intencionalidade, há também uma estrutura lógica. Searle defende que há certas formas primitivas da intencionalidade nas quais se estrutura a lógica de significação. Por isso ele diz que “o significado é definido em termos intencionais *não intrinsecamente linguísticos*”, ou, em outras palavras, “noções semânticas fundamentais”, as quais podem ser analisáveis “através de noções psicológicas ainda mais fundamentais”, a saber, “crença, desejo e intenção” (SEARLE, 2002, p. 224).

Essa estrutura de significação respeita uma certa estrutura intencional da mente. Primeiramente há um nível duplo de Intencionalidade, que Searle chama de “condição de sinceridade” e “intenção de significação” (SEARLE, 2002, p.229). Há também uma distinção entre *representar* e *comunicar* que deve ser compreendida (SEARLE, 2002, p.229). Em certos casos um falante tem a intenção com uma expressão linguística de representar um fato, mas pode não ter a intenção de comunicar, embora o inverso não seja verdadeiro. E há também cinco categorias básicas de atos ilocucionários – assertivos, diretivos, compromissivos, declarativos e expressivos (SEARLE, 2002, p.231)¹⁰. Toda significação está ligada a esses atos ilocucionários e à sua intencionalidade subjacente. “Se o modo como a linguagem representa o mundo é uma extensão e uma realização do modo como a mente o representa, esses cinco tipos devem derivar de características fundamentais da mente” (SEARLE, 2002, p. 232). Portanto, é impossível desconectar intencionalidade do significado, vinculando-o ao mundo externo, como tentou Putnam. Por isso Searle (2002, p. 285) defende que os significados estão precisamente na cabeça e não podem estar em outro lugar. Portanto: “A intencionalidade da mente não só cria a possibilidade do significado, como também limita suas formas” (SEARLE, 2002, p.232).

Searle é claro ao dizer que:

A chave do problema do significado é perceber que, na realização do ato de fala, a mente impõe intencionalmente à expressão física do estado mental expresso as mesmas condições de satisfação do próprio estado mental. A mente impõe intencionalidade à produção de sons, sinais gráficos etc., pela imposição das

⁹ Searle também desenvolve sua concepção de naturalismo biológico em *A Redescoberta da Mente* (2006).

¹⁰ Ver também SEARLE, 1969; SEARLE, 1995.

condições de satisfação do estado mental à produção dos fenômenos físicos.
(SEARLE, 2002, p. 229)

Portanto, como podemos ver, Searle aponta na direção de uma visão internalista acerca do significado, que Putnam pretendia combater. Searle pensa ser impossível e contraintuitivo negar o aspecto intencional do significado. Mas isso também se deve aos pressupostos por ele assumidos, especialmente no que tange à relação entre filosofia da mente e filosofia da linguagem. A linguagem, para Searle, está subordinada ao mental. Putnam parece não compartilhar desses pressupostos e vai em uma direção diferente, ao apostar em uma teoria externalista e com forte teor sociolinguístico.

Na próxima seção pretendo discutir alguns pontos do internalismo de Searle e do externalismo de Putnam, tentando refletir sobre se os significados estão dentro ou fora da nossa cabeça.

Internalismo ou externalismo?

Tendo apresentado em linhas gerais alguns pontos centrais do externalismo de Putnam e do Internalismo de Searle, cabe perguntar: quem tem razão? Qual dessas visões consegue dar conta de uma teoria do significado de maneira mais contundente? Os significados estão na cabeça (Searle) ou fora dela (Putnam)?¹¹ Onde estão os significados, afinal de contas? Antes de tentar responder a essa pergunta, é preciso fazer uma ressalva acerca de como essas perguntas estão sendo colocadas. Primeiramente, tanto Putnam quanto Searle apresentam apenas uma versão de externalismo e de internalismo, respectivamente. Evidentemente esse debate já amadureceu e também há outras variações tanto do externalismo quanto do internalismo, bem como visões intermediárias¹². Porém, é importante voltar a essa discussão inicial para compreender os pressupostos envolvidos no debate. Portanto, não é pretensão desse ensaio colocar um ponto final na discussão, mas tentar elucidar alguns pontos obscuros do problema e trazer à tona o aspecto paradoxal que internalismo e externalismo fazem emergir acerca do problema do significado.

Além disso, a pergunta “*onde* estão os significados?” pode contar um grande equívoco na medida em que supõe que possamos identificar *especialmente* o ponto de amparo do significado. Em outras palavras, o “*onde*” procura um “lugar” (físico, metafísico, mental?) para o significado. A questão acaba nos direcionando a pensar acerca da base espacial para a semântica. Mas esse é o problema? Penso que colocar a questão dessa forma pode confundir as

¹¹ Sobre essa discussão ver Teixeira (2003) e também Oliveira (2015).

¹² Ver, por exemplo, a discussão proposta por McGlone (2010).

coisas. Mas essa confusão começou com o próprio Putnam, cuja afirmação acabou tornando-se um *slogan* do seu externalismo: *Os significados não estão na cabeça!* Ora, se o debate se resume a dizer se os significados estão ou não na cabeça, acabamos por limitarmo-nos a uma discussão menos importante e deixamos de lado outros aspectos mais relevantes, como entender parte das minúcias dos argumentos que levaram Putnam ao externalismo¹³.

Claro que Putnam utilizou essa afirmação apenas como uma frase de impacto, mas sua visão é mais sofisticada do que isso. Putnam estava reagindo a uma tendência internalista das teorias semânticas tradicionais que ele considerava pré-científicas. Putnam estava tentando levar a semântica em uma direção que fosse compatível com o realismo científico. Para ele, se nós assumimos uma visão de mundo científica, precisamos incorporar isso na filosofia da linguagem. E no externalismo de Putnam há uma concepção metafísica acerca da realidade e da relação entre mente e mundo que está subjacente. Putnam acredita que os objetos do mundo têm algo neles próprios que condicionam o significado que damos aos termos. Num primeiro momento dependemos do uso das palavras pela comunidade à nossa volta. Aprendemos a usar as palavras a partir do uso comunitário. Por isso que parte do significado deriva da coletividade. Nisso acho que Putnam acerta. Não é o indivíduo, sozinho, que dá o significado às palavras, mas uma coletividade.

Todavia, Putnam vai além quando argumenta que em certos casos devemos recorrer à ciência para saber o significado de certos termos, como no caso da água. Parte do significado de água depende do que os especialistas dizem sobre a água, mas isso serve para muitas outras coisas. Por isso a metáfora que Putnam (2013, p.291) usa ao dizer que a linguagem pode ser como um martelo – que todos podemos usar, ordinariamente – ou um navio – que é muito mais complexo e depende da divisão do trabalho e de especialistas. Putnam diz que compreendemos muito a linguagem apenas do primeiro modo, mas precisamos avançar para uma teoria semântica no modelo do navio.

No entanto, penso que Putnam não consegue sustentar um externalismo tão forte quanto talvez ele pretenda. O seu principal argumento da Terra Gêmea tem vários problemas, mas talvez o principal deles é que ele não atinge propriamente o internalismo com a força que ele supõe. Devo concordar com Searle (2002) que o argumento de Putnam não refuta o internalismo. Putnam pretendia com o argumento da Terra Gêmea abrir fogo contra a tese de que é possível haver duas intensões diferentes para uma mesma extensão, mas que o contrário seria impossível, isto é, extensões diferentes não podem ter uma mesma intensão. Putnam

¹³ Para uma visão sobre as primeiras formulações do externalismo de Putnam, ver FONSECA, 2015.

(2013) tenta provar que é possível que dois sujeitos diferentes tenham a mesma intensão (conceito, estado psicológico) acerca do termo “água” (Oscar1 e Oscar2), porém com extensões diferentes, já que a água na Terra Gêmea é XYZ e não H₂O. Mas o que é falho no experimento de Putnam (2013) é justamente a incoerência com o seu realismo científico. Não me refiro ao experimento em si, ou ao seu aspecto ficcional. Refiro-me justamente ao fato de que se a composição química do líquido da Terra Gêmea chamado de “água” é tão diferente do nosso, primeiramente que teríamos necessariamente algumas mudanças físicas significativas tanto nos corpos dos indivíduos quanto em outros objetos do mundo que são feitos de água-XYZ. Isso implicaria que os estados psicológicos entre Oscar1 e Oscar2 não poderiam ser necessariamente idênticos quando ambos bebem água. Os estados internos não poderiam, a rigor, serem idênticos, se ambos estão bebendo líquidos diferentes, com uma composição química diferente. Putnam poderia objetar dizendo que mesmo na Terra podemos beber líquidos muito semelhantes, embora quimicamente diferentes (mesmo que sejam sutilmente diferentes), mas tendo os mesmos estados psicológicos (pensemos por exemplo em uma pessoa bebendo um copo com Coca-Cola e outro com Pepsi, por exemplo). Talvez a teoria de Putnam não necessite de uma identidade tão rigorosa entre estados mentais, mas que eles tenham apenas estados muito semelhantes a ponto de não ser significativa a diferença entre ambos. Até mesmo porque é realmente questionável se duas pessoas têm estados psicológicos idênticos mesmo em situações semelhantes. Em todo caso, o ponto chave aqui é que Putnam usa como premissa de seu argumento a noção de que o conceito expresso por Oscar1 e Oscar2 acerca do termo “água” em seus respectivos planetas é idêntico ao seu estado psicológico -, isto é, às suas intensões -, pois se baseia nos estereótipos do líquido a que se refere. Mas os estereótipos para Putnam são apenas parte do significado de um termo. Em contrapartida, para termos um significado completo precisamos identificar o componente indexical oculto. Isso nos leva a uma teoria causal do significado, na medida em que são fundamentalmente as características estruturantes do objeto, não só os estereótipos, que dão a base para o significado (numa perspectiva científica da semântica). Mas essa mesma concepção causal é o que torna o argumento da Terra Gêmea confuso. Se é a extensão que é a causa do significado, ela também não deveria causar um estado psicológico diferente em Oscar 1 e Oscar 2? A menos que haja uma ruptura incisiva entre mente e mundo – o que nos levaria para um dualismo – parece que há uma lacuna que necessita de uma resposta. Por isso Searle (2002) parece estar correto ao dizer que o argumento da Terra Gêmea não é tão bem-sucedido contra o internalismo.

Retomando a questão sobre a “localização” dos significados, como havia dito, penso que isso traz a ideia de que os significados podem estar localizados espacialmente, dentro ou fora da cabeça. Parece uma discussão muito próxima da tentativa de localizar no cérebro regiões onde certos estados mentais ocorrem. Searle (2002) até chega a levantar a questão de como a mente é capaz de impor significado a entidades linguísticas (atos ilusionários) que têm uma base física (acústica ou gráfica). Mas Searle defende que os significados estão na cabeça, justamente porque eles não são entidades físicas propriamente. Os significados são entidades mentais porque não poderiam ser de outro tipo. A menos que se defenda uma concepção platônica onde há um mundo independente da mente onde os significados estão presentes, é insustentável assumir uma concepção completamente externalista do significado.

Por isso quando Searle diz que os significados estão na cabeça, ele parece levar a sério o que Putnam diz (literalmente), mas o ponto aqui é que o termo “cabeça” pode não ser o mais adequado, pois é lógico que nossas cabeças são entidades físicas e fazem parte do mundo físico. Dizer que os significados estão na cabeça pode ser interpretado de duas formas. Com isso podemos querer dizer que (i) os significados estão na mente, sendo ela distinta do cérebro – e isso nos levaria novamente ao dualismo - ou estamos querendo dizer que (ii) os significados são entidades mentais, embora haja uma conexão íntima entre mente e cérebro, como pensa Searle. Searle defende, no seu naturalismo biológico, que a mente é um fenômeno que emerge do cérebro. Portanto, o mental é um fenômeno dependente do mundo físico, mais precisamente biológico. Isso significa que há espaço aqui para entender que os significados são mentais, mas não deixam de ser físicos em algum sentido, embora não sejam redutíveis fisicamente. Quando Searle (2002, p. 37) questiona como é possível passarmos da física para a semântica, ele na verdade está colocando uma questão diferente. Quando pergunta “O que sua intenção acrescenta ao evento físico para que este se caracterize na instância de um falante que significa alguma coisa por seu intermédio?” (2002, p. 37), Searle traz à tona a questão de que parte do que uma teoria do significado tem que levar em consideração é essa dimensão intencional do significado, que é irreduzível e indissociável. É como se estivesse embutido no conceito de significado (analiticamente) um elemento intencional sem o qual não pode haver significado algum. É por isso que Searle (2002, p.320) enfatiza:

Alguma forma de internalismo deve estar correta, pois não há nada mais que possa realizar a tarefa. O cérebro é tudo de que dispomos para os propósitos de representar o mundo para nós mesmos e tudo o que podemos usar deve estar no interior do cérebro. Cada uma de nossas crenças deve ser possível para um ser que seja um cérebro em uma cuba porque cada um de nós é precisamente um cérebro em uma cuba; a cuba é um crânio e as “mensagens” que chegam fazem-no por meio de impactos sobre o sistema nervoso. A necessidade desse internalismo fica oculta para

nós, em muitas dessas discussões, pela adoção do ponto de vista de uma terceira pessoa.

A referência que Searle faz ao argumento dos *cérebros numa cuba* de Putnam (1981, p.1-21) é também uma forma de responder a uma objeção à tese do próprio Searle. Se o significado depende única e exclusivamente da intenção do falante, se a referência não cumpre papel algum na construção do significado das expressões linguísticas, então o mundo nem precisaria sequer existir para que uma linguagem com significado existisse. Poderíamos ser cérebros em uma cuba vivendo uma realidade ficcional e não faria qualquer diferença. Porém, a resposta de Searle, como podemos ver, é assumir justamente como premissa que somos cérebros numa cuba, onde a cuba é nosso próprio crânio, uma vez que o cérebro de fato é uma entidade biológica que não tem acesso direto ao mundo senão através dos sentidos. A percepção que temos do mundo parte de uma perspectiva de primeira pessoa. Isso faz parte da concepção de mente de Searle, que rechaça a tentativa de reduzir a explicação do mundo mental a uma linguagem de terceira pessoa, puramente científica. Portanto, realmente não faria diferença alguma se a realidade que percebemos existe ou é uma simulação. Poderíamos estar na Matrix e ainda assim nossa linguagem teria significado.

A consequência mais óbvia aqui parece ser a de um menor peso para o papel que os objetos cumprem na construção dos significados. Putnam justamente tentou argumentar contra essa ideia e dar maior relevância para o papel da referência. Claro que Searle de modo algum está menosprezando o papel da comunidade, uma vez que ele não nega a hipótese sociolinguística de Putnam. Mas a depender de como lemos o internalismo de Searle, pode parecer que ele fica sujeito às amarras do “solipsismo metodológico” a que Putnam (2013, p.284-286) se refere em sua crítica ao internalismo da teoria semântica tradicional. Claro que a visão de Searle não é exatamente a tradicional. Searle mesmo considera que sua concepção de significado é fregiana em alguns aspectos, e em outros não (SEARLE, 2002, p. 276).

Em que pese essa discussão, o ponto chave aqui não é exatamente *onde* estão os significados, se estão na cabeça ou fora. O ponto chave deve se dar na discussão entre extensão e intensão, em que medida a intencionalidade confere significado a um termo e em que medida a referência, os objetos, o mundo externo, conferem sentido à linguagem. Penso que o significado tem uma via de mão dupla. Se por um lado não faz sentido negligenciarmos o papel do uso coletivo que damos às palavras que usamos, pois parte do seu significado se deve ao uso comunitário, como sugere Putnam, por outro lado parte do significado não pode estar dissociado da intencionalidade, pois, como bem chama atenção Searle, um falante pode ao exprimir uma frase querer comunicar algo diferente do que ele representa a si mesmo (é o caso da mentira!).

Então, parte do conceito de significado é a intenção que um termo carrega ao ser dito por um falante.

Em outras palavras é o que parece sugerir Tim Crane (2005, p.575):

O significado de uma palavra olha simultaneamente, digamos, para “fora”, para o mundo, e para “dentro”, para as outras palavras. O significado da palavra “tigre”, por exemplo, relaciona-se a um tempo com aquelas coisas no mundo a que se aplica — tigras — e a outras palavras com as quais se combina para formar frases que podem ser usadas para fazer asserções, perguntas, avisos, etc.: “Os tigras são animais”, “O que é um tigre?”, “Cuidado! Um tigre!” Ainda que outras coisas estejam envolvidas no significado, é claro que estes dois papéis são claramente essenciais: pois quem conhece o significado da palavra “tigre” tem de ter algum entendimento do modo como se aplica a coisas no mundo, e tem também de ser capaz de usar a palavra num número indeterminado de frases. Uma teoria do significado — “uma teoria semântica” — está obrigada, conseqüentemente, a explicar como as palavras podem executar esta dupla função.

Como Crane (2005) chama a atenção, parece haver uma dupla função no que tange ao significado de uma palavra. É possível que Searle e Putnam tenham ao seu modo direcionado seu olhar para um aspecto ou função diferente do significado de “significado”? Nesse caso poderiam estar cada um ao seu modo falando de um aspecto diferente do significado ou uma função semântica diferente para a linguagem? Ou devemos concluir que internalismo e externalismo necessariamente se excluem e nenhuma posição intermediária é possível?

Provavelmente nem o internalismo e nem o externalismo sejam completamente satisfatórios. Ambos têm seus problemas. Talvez uma posição mitigada ou intermediária seja necessária. No entanto, por hora, o internalismo de Searle parece mais compatível com as melhores intuições do externalismo de Putnam. O próprio Searle reconhece isso. O seu internalismo é compatível com a hipótese sociolinguística, que ao meu ver é o ponto mais interessante do externalismo de Putnam. Portanto, o internalismo de Searle parece mais satisfatório, embora devamos reconhecer a importante contribuição dada por Putnam nesse debate.

Considerações finais

Este ensaio, longe de pretender originalidade, buscou trazer mais uma vez à tona um debate clássico dentro da filosofia analítica da linguagem, procurando confrontar o externalismo de Putnam e o internalismo de Searle, sem ter, contudo, a pretensão nem de esgotar o assunto, nem de colocar um ponto final na discussão. O objetivo foi apenas tornar mais claras as posições dos autores e refletir sobre quais vantagens ou desvantagens cada teoria apresenta, os pontos fortes e fracos de seus argumentos, tentando refletir como paradoxalmente internalismo e externalismo demonstram a complexidade que é solucionar o problema do

significado. Dessa forma pretendi enfatizar que ambos os filósofos deram sua contribuição para a teoria semântica e que o problema vai mais fundo do que saber se os significados estão dentro ou fora da cabeça.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, *Dicionário de filosofia*. São Paulo, 2007.

BRANQUINHO, João; GOMES, Nelson; MURCHO, Desidério. *Enciclopédia de termos lógico-filosóficos*. Martins Fontes, 2006.

CRANE, Tim. “Meaning”. In: *The Oxford Companion to Philosophy*, org. Ted Honderich (Oxford: Oxford University Press, 2.^a ed., 2005), pp. 575–576. Trad. Desidério Murcho, disponível em: https://criticanarede.com/lds_significado.html

FARIA, Paulo. “Externalismo Semântico”. In: BRANQUINHO; João; SANTOS, Ricardo. *Compêndio em Linha de Problemas de Filosofia Analítica*. Lisboa, Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013. p. 1-11.

FONSECA, Alexandre M. “Sobre o Externalismo Semântico de Hillary Putnam: primeiras formulações e recepção crítica inicial”. In: *Cognitio-Estudos: Revista Eletrônica de Filosofia*, vol. 12, n. 2, Jul-Dez, PUCSP, 2015, p. 191-216.

LAPORTE, Joseph. “Rigid Designators”. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Winter 2022 Edition, Edward N. Zalta & Uri Nodelman (eds.). Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/win2022/entries/rigid-designators/>>.

MCGLONE, Michael. “Putnam on what isn’t in the head”. *Philos Stud*, 151, 2010, p. 199-205.

MIGUENS, Sofia. *Filosofia da linguagem: uma introdução*. Universidade do Porto, 2007.

PUTNAM, Hilary. “Meaning and Reference”. in: *The journal of philosophy*, 70/19, p. 699-71, 1973.

PUTNAM, Hilary. “The Meaning of ‘meaning’”. in: PUTNAM, Hilary. *Mind, Language and Reality: Philosophical Papers, Volume 2*. Cambridge: Cambridge University Press, 1975, p. 215-71.

PUTNAM, Hilary. “O significado de ‘significado’”. Trad. de Alexandre Müller Fonseca. In: *Cognitio-Estudos: Revista Eletrônica de Filosofia*. Vol. 10, nº 2, julho-dezembro, 2013, p.280-326. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cognitio/article/view/17778>

PUTNAM, Hilary. *Reason, truth and history*. Cambridge University Press, 1981.

OLIVEIRA, Bruno Fernandes de. “Internismo e Externismo Semântico”. In: CARVALHO, Marcelo. et al (org.). *Filosofia da Linguagem e da Lógica: Coleção XVI Encontro ANPOF*. São Paulo: ANPOF, 2015.

SEARLE, John R. *A redescoberta da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SEARLE, John R. *Expressão e significado: estudos da teoria dos atos de fala*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SEARLE, John R. *Intentionality: An essay in the philosophy of mind*. Cambridge university press, 1983.

SEARLE, John R. *Intencionalidade*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SEARLE, John R. *Speech acts: An essay in the philosophy of language*. Cambridge university press, 1969.

TEIXEIRA, Célia. “Estão os significados na cabeça? Putnam versus Searle”. *Crítica na Rede*, 3 de março de 2003. <<Disponível em: https://criticanarede.com/fil_putnamsearle.html>>, acesso em julho de 2024.